

VALOR

10abr24

Taxa de investimento no Brasil é menor que média internacional em 6 recortes

Estudo da LCA mostra que total investido em relação ao PIB, de 17,8% em 2022, é menor que as médias globais em diferentes critérios de comparação

Lucianne Carneiro

A taxa de investimento do Brasil em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) era, em 2022, inferior a nada menos que a de seis diferentes medidas de comparação internacional. O percentual de 17,8% do Brasil era menor que os 26,2% da média mundial, 22,8% do mundo sem incluir a China, 33,7% do grupo de países com renda média superior (os chamados UMICs), 21,7% dos UMICs sem Brasil e sem China, 22,5% das nações de renda alta e dos 21,5% da média da América Latina sem Brasil. E a taxa de investimentos caiu ainda mais em 2023, para 16,5% do PIB.

O retrato da situação dos investimentos no Brasil frente ao contexto mundial é de estudo do economista sênior da LCA Consultores Francisco Pessoa Faria, publicado no blog do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre).

Se a distância entre a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) no Brasil e em outros países é mais debatida, o trabalho traz um recorte adicional, que pouco é tratado nas comparações internacionais da taxa de investimentos: o dos grupos de ativos fixos (construção; máquinas e equipamentos e outros).

A taxa de investimento em construção no Brasil, na média entre 2010 e 2021, era de 8,9% do PIB no Brasil, abaixo dos 9,9% nos países de renda per capita alta e dos 13,9% nos países de renda per capita média alta.

Quando se considera a rubrica de máquinas e equipamentos, no entanto, a taxa no Brasil era de 6,8%, acima dos 6,3% dos países de renda alta e abaixo dos 8,6% dos de renda média alta.

No grupo outros - em que aparecem produtos de propriedade intelectual, como pesquisa e desenvolvimento de softwares -, o investimento no Brasil corresponde a 2,3% do PIB, menos da metade dos 4,9% dos países de renda alta.

Na análise desses números detalhados, é preciso levar em consideração também, defende o economista, que a trajetória e o nível dos investimentos são influenciados pelo estágio de desenvolvimento das economias. Economias mais desenvolvidas

possuem um parque produtivo e infraestrutura já estabelecidos e por isso tendem a demandar menos investimentos.

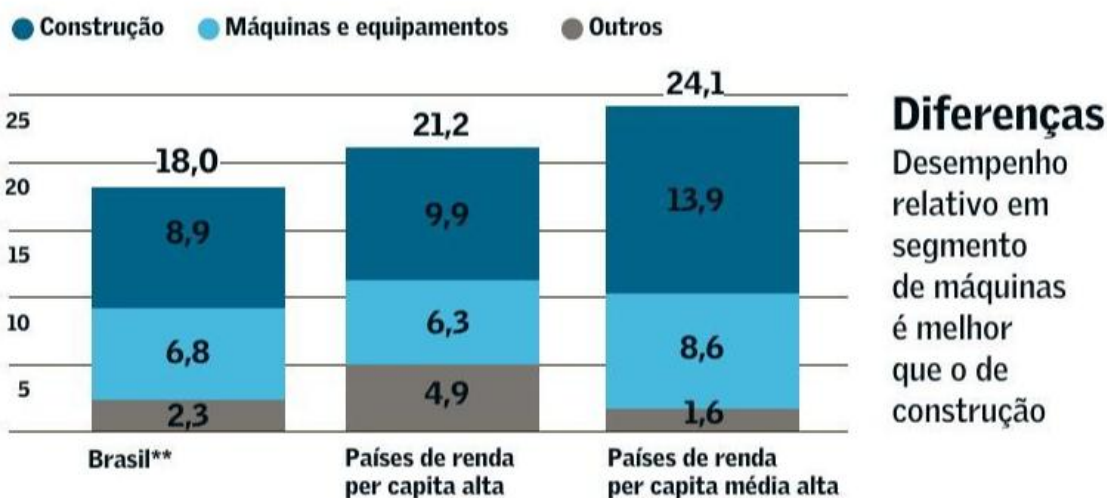
Comparação internacional

Investimentos no Brasil e no mundo

Taxa de investimentos em % do Produto Interno Bruto (PIB), em 2022

Brasil	17,8	
Média mundial	26,2	
Média mundial, sem China	22,8	
UMIC (países de renda média superior)	33,7	
UMIC, sem China e sem Brasil	21,9	
HIC (países de alta renda)	22,5	
América Latina, sem Brasil *	21	

Taxa de investimento, por grupo de ativo fixo (média entre os anos de 2010 a 2021)



Fontes: IBGE, Banco Mundial, Banco Central, OCDE, Mdic; Elaboração de Francisco Pessoa Faria. *Inclui Caribe, **Dados descontam efeito do Repetro

"De fato, a taxa de investimentos no Brasil é mais baixa que em outros países e isso é uma realidade para diferentes tipos de comparação. Mesmo quando fazemos ajustes nas medidas, como desconsiderar a China, por exemplo, é uma diferença de cerca de 5% do PIB. E isso é muito dinheiro, representa cerca de R\$ 500 bilhões por ano", afirma Faria. O economista reforça a necessidade de uma estratégia de longo prazo para atacar o problema.

Para dimensionar o tamanho da questão, o economista dá exemplos do que significaria esse valor: multiplicar por 2,5 o orçamento anual do Programa de Aceleração do Crescimento [PAC] ou investir em apenas um ano o equivalente a 85 túneis Guarujá-Santos, a 37 ferrovias São Paulo-Campinas ou a cinco expansões da refinaria de Abreu

e Lima.

Faria defende que os melhores parâmetros de comparação são os que excluem a China, por três diferentes razões: a forma de elaboração das estatísticas no país asiático, o fato de os resultados serem fora da curva - o que distorce os dados globais - e as dúvidas sobre um crescimento sustentável chinês após os elevados investimentos das últimas décadas.

Outro destaque na metodologia usada no trabalho foi o ajuste nos dados de investimentos para excluir o efeito do Repetro (regime aduaneiro especial que facilitou a importação de bens destinados à exploração de petróleo).

Para Simão Davi Silber, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e pesquisador da Fipe, a realidade observada hoje reflete a perda de capacidade de investimentos do Estado brasileiro desde os anos 80, em contraponto ao que existiu em décadas anteriores.

"A grande mudança foi o comportamento do Estado, que até os anos 1980 tinha superávit orçamentário. E não se pode descolar o comportamento da Formação Bruta de Capital Fixo do crescimento econômico. O crescimento médio caiu e a queda do investimento é a razão para isso. [...] O governo trocou crescimento por controle da inflação", diz.

Uma das principais soluções para isso, argumenta, é um "programa de concessões e privatizações ambicioso". "Como o governo perdeu capacidade de investimento, com gastos com Previdência e folha pesada de pagamento do funcionalismo, que se aposenta cedo, tem que fazer um programa de concessões e privatizações ambicioso. E nenhum governo se meteu a fazer isso", nota.

Na avaliação de Francisco Pessoa Faria, há um diagnóstico claro de que o investimento no Brasil cresce pouco comparativamente a outros países, por razões que passam, por exemplo, por taxas altas de juros e custo de energia elevado. Para um planejamento mais estratégico de medidas para estimular investimentos, no entanto, é preciso identificar onde as defasagens são maiores.

Máquinas e equipamentos

"O desempenho relativo dos investimentos em máquinas e investimentos do Brasil é melhor do que o desempenho em obras de construção. Além disso, como seria de se esperar, os baixos investimentos em ciência e tecnologia têm papel relevante no nosso fraco desempenho em relação aos mais desenvolvidos. É preciso saber onde estamos relativamente pior para priorizar as ações", afirma o economista da LCA Consultores.

O professor do Insper Eduardo Correia diz que o detalhamento dos dados dá um "diagnóstico sobre a qualidade do investimento no Brasil". "Temos uma economia meio de fundo de quintal, de puxadinho. Pequenas empresas, de fundo de quintal, com tecnologia simples, conseguem comprar máquinas. Mas temos uma infraestrutura que está ficando muito atrasada, não se consegue duplicar ou abrir uma nova rodovia, por exemplo", afirma o economista.

Problemas de marco regulatório e do mercado de crédito, segundo Correia, estão por trás desse movimento, além das questões já tradicionalmente citadas de instabilidade política, por causa da polarização, e de horizonte econômico incerto.
